

Ingratidão: O que pensam as crianças?

Na maioria das culturas, a gratidão é considerada uma virtude, um aspecto desejável da personalidade humana e da vida em sociedade; a ingratidão, um vício, uma falha moral. Todavia, segundo alguns autores, a ingratidão é um fenômeno comum na infância. Há várias maneiras de ser ingrato: (a) não retribuir um benefício a um benfeitor prévio; (b) não reconhecer a sua ajuda; (c) não retribuir adequadamente ou (d) retribuir por razões moralmente reprováveis. Este estudo investiga o juízo moral de crianças de 5 a 12 anos sobre aquele(a) que não retribuiu um benefício. Examinam-se duas questões: (a) o juízo das crianças sobre a ação do(a) ingrato(a) e (b) a(s) suas justificativa(s). Entrevistaram-se, individualmente, 77 crianças (49% meninas) de três grupos etários (5-6, 8-9 e 11-12 anos) sobre uma história na qual um adulto (benfeitor) ajuda uma criança (beneficiário); posteriormente, o adulto pede um favor à criança, mas ela nega-se a ajudá-lo. Apesar de que todas as crianças reprovaram a ação do ingrato, elas justificaram o seu juízo de maneiras diferentes. Constituíram-se quatro categorias de análise para as justificativas (a) Consequência material/psicológica imediata da ação do ingrato; (b) Custo da ação para o benfeitor; (c) Consequência negativa para o beneficiário e (d) Ajuda ao benfeitor. Três juízes participaram da codificação, sendo que cada justificativa foi lida por, pelo menos, dois juízes; em caso de diferenças, realizou-se um acordo interjuízes. Os resultados indicam a maneira como as crianças justificam o seu juízo moral sobre a ingratidão modifica-se com a idade: (a) as justificativas que enfocam apenas as consequências para o benfeitor diminuíram com a idade; (b) o custo da ação para o benfeitor apareceu somente entre as crianças de 8 anos ou mais; (c) a necessidade de ajuda ao benfeitor prévio foi mencionada principalmente pelas crianças de 11-12 anos. (Apoio: CNPq)